

Juro de cheque especial chega perto de 200% ao ano

Cliente aceita essa taxa porque precisa cobrir inadimplência de outros financiamentos

MÁRCIA DE CHIARA

Nas vésperas do governo decidir sobre o destino do juro básico, a taxa Selic que baliza o custo do dinheiro na economia, uma pesquisa da Fundação Procon de São Paulo mostra que os juros cobrados no cheque especial e nos empréstimos pessoais continuam nas alturas. Cauteloso, o consumidor está buscando essas linhas de crédito para cobrir dívidas passadas e não para ir às compras, o que impulsionaria o ritmo de atividade do comércio e da indústria.

De acordo com o levantamento da Fundação Procon-SP realizado com 13 bancos entre os dias 8 e 9 deste mês, os juros médios cobrados no cheque especial estão em 9,48% ao mês ou 196,42% ao ano. No caso do empréstimo pessoal, a taxa média mensal é de 6,20% ao mês ou 105,73% ao ano.

A supervisora de pesquisas da Fundação Procon-SP, Cristina Rafael Martinussi, observa que as taxas ficaram praticamente inalteradas em relação a abril. Na média, o recuo foi de 0,02 ponto porcentual no empréstimo pessoal e de 0,01 ponto porcentual no cheque especial porque apenas uma instituição financeira, o Bradesco, cortou o custo dessas linhas de crédito. No empréstimo pessoal foi de 6,65% ao mês para 6,40%, de abril para maio, e no cheque especial, de 9,80% para 9,70% ao mês no período.

Nas demais instituições financeiras, no entanto, a pesquisa mostra que não houve alterações. Cristina observa que, desde março, o Banco Itaú (6,95%) e o BCB (10,40%) continuam liderando o ranking das maiores taxas de juros cobradas no empréstimo pessoal e no cheque especial, respectivamente. Nem por isso esses bancos se viram forçados a cortar os encargos cobrados dos clientes.

Mas o consumidor já dá sinais de que está indo com menos sede ao pote. Segundo Carlos Henrique de Almeida, assessor econômico da Serasa, empresa especializada em informações financeiras para os bancos, os números consolidados do Banco Central (BC) indicam que o saldo de crédito no primeiro trimestre deste ano, englobando pessoas físicas e empresas, cresceu 0,20% em relação a dezembro. Nas pessoas jurídicas, houve um recuo de 0,50%, enquanto o crédito a pessoas físicas aumentou 2,4% no período.

Como o crédito do sistema financeiro para alimentar as vendas do comércio recuou 4,9% entre dezembro e março, Almeida conclui que o dinheiro dos financiamentos está sendo usado para cobrir dívidas passadas e não pagas. Daí, o fato de as taxas do cheque especial e do empréstimo pessoal continuarem em níveis elevados, sustentadas por uma demanda de pessoas endividadas que não estão conseguindo pôr os pagamentos em dia.

Sem fundos – A inadimplência, o segundo maior componente na formação dos juros, depois da carga tributária, continua pressionando as taxas. Segundo a Serasa, no mês passado, de cada mil cheques compensados, 16,2 foram devolvidos por insuficiência de fundos depois da segunda apresentação. Esse indicador subiu em relação a abril do ano passado, quando de cada mil cheques compensados, 11,7 foram devolvidos por falta de fundos.

Além da conjuntura econômica retraiada, o assessor econômico da Serasa atribui o aumento da inadimplência ao fato de as lojas terem esticado os prazos de pagamentos, especialmente com uso do cheque pré-datado, para tentar impulsionar as vendas de fim de ano. Normalmente, diz ele, a temporada de inadimplência em alta ocorre em março por conta das vendas de Natal. Neste ano, o reflexo está sendo sentido em abril e poderá se estender até este mês.